

ENSINO DE CIÊNCIAS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ANÁLISE NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS DO PIBID

Alan dos Santos Souza (Pós-Crítica/UNEB)¹

Resumo: A pesquisa trata no âmbito do ensino de ciências a compreensão, de licenciandos de Química que participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID entre 2012 a fevereiro de 2018, no Instituto Federal Baiano no campus Catu, das relações étnico-raciais. O objetivo geral desse estudo é: analisar como se dão os processos educativos vivenciados e se estes contribuem para a educação das relações étnico-raciais dos futuros professores. Os objetivos específicos são: analisar o papel do ensino de ciências, e a concepção de raça que está firmada nas ciências; discutir a compreensão dos professores sobre as relações étnico-raciais; refletir sobre a atuação docente no ensino de Ciências no que toca as relações étnico-raciais. A metodologia da pesquisa é de base qualitativa, com inspiração na etnografia, e possui três etapas: a primeira consistiu no mapeamento das produções bibliográficas apresentando autores que discutem: a formação docente e a educação antirracista, tais como Lima (2015), Cavaleiro (2001) e Silvia (2007); as concepções científicas e raciais em Schwarcz (1993), Nascimento (2003) e Munanga (1996); e autores pós-coloniais tais como Mignolo (2008) e Quijano (2005). A segunda etapa foi a obtenção dos dados empíricos por meio de entrevistas semiestruturada, os quais são discutidos nos dois primeiros capítulos da dissertação, intitulados: Raça, racismo e antirracismo no ensino de Ciências e na formação docente; As relações étnico raciais e o Ensino de Ciências no IF Baiano de Catu, respectivamente. A terceira etapa, base para o terceiro capítulo, intitulado: Atuação docente, o ensino de Ciências e as relações étnico-raciais no PIBID da Licenciatura em Química, em andamento, será a análise documental do projeto político pedagógico (PPP) e currículo desta licenciatura, além da análise documental do subprojeto e regimento interno do PIBID.

Palavras-chave: Ensino de ciências; Relações étnico-raciais; Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se situa no campo da formação docente, no âmbito do ensino de ciências. Analisa a compreensão de licenciandos sobre as relações étnico-raciais. Apresento os resultados deste estudo realizado no curso de Química do Instituto Federal Baiano no campus Catu, onde situo-me como no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID entre 2012 a fevereiro de 2018 e como pesquisador em 2019. Busquei conhecer aspectos da formação destes discentes e parte das atividades pedagógicas desenvolvidas neste ambiente com a intenção de analisar como se dão os processos educativos vivenciados e se estes contribuem para a educação das relações étnico raciais dos futuros professores.

O que me motivou a investigar sobre relações étnico-raciais? A ausência de sensibilidade para perceber a marginalização social que o povo negro foi e é submetido em diversos aspectos, inclusive na educação estiveram presentes, durante minha vivência. As condições de professor, estudante, pai, cidadão inseridas num contexto de opressão e desigualdades sociais não foram por si só suficientes para o despertar de uma consciência que se fizesse perceber as hierarquizações sociais

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Lícia Maria Lima Barbosa. Endereço eletrônico: alansouza007@yahoo.com.br.

que segregam por meio da cor da pele ou por traços físicos. Considero que essa quebra de paradigma, o despertar dessa condição de inércia, aconteceu na época em que frequentava como aluno especial o programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, e neste cursava a disciplina Linguagens na Sala de Aula (no ano de 2017), concomitantemente desenvolvia atividades de orientação na função de supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID no Centro de Educação Profissional Pedro Ribeiro Pessoa, local em que exerço minha prática docente.

O programa é financiado pela CAPES e possui diversos objetivos, entre eles: a ampliação da parceria entre as universidades e as escolas das redes públicas, o fortalecimento das ações para a melhoria da formação inicial de professores e da Educação Básica. Essa parceria entre a CAPES, Instituição de Educação Superior (IES) e Escola Pública permite a inserção do graduando nas escolas e o desenvolvimento de atividades que auxiliam na aprendizagem dos discentes da escola pública e discentes da IES. O PIBID IF Baiano, campus Catu, conta atualmente com 44 bolsistas licenciandos em química, e neste estive inserido como supervisor em duas escolas estaduais, das quais acompanhei 18(dezoito) bolsistas licenciandos. As propostas de trabalho integrado entre os licenciandos e supervisores (professores da Educação Básica) têm como principal riqueza a diversidade e pluralidade de saberes e experiências. Na cidade de Catu por meio do vínculo entre o Instituto Federal Baiano e o Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Ribeiro Pessoa – CEEP-PRP diversas ações foram planejadas e desenvolvidas por intermédio do PIBID entre 2012 e fevereiro de 2018. Neste programa supervisionei bolsistas do curso de licenciatura em química do Instituto Federal Baiano e durante encontros periódicos discutimos no interior do ensino das Ciências práticas pedagógicas e métodos científicos.

Apesar de avanços pontuais com a implementação do PIBID nas escolas que acompanho (leciono) durante 17 anos, a realidade destas não diferiu da realidade das escolas brasileiras: a repetição de histórias de fracasso da escola pública, em grande magnitude, com base em dados oficiais, dos estudantes negros. Seja na retenção ou exclusão destes, ainda há sobre os que persistem nos estudos o prejuízo social e intelectual das práticas racistas. Durante o período mencionado como docente da educação básica pouco foi proposto pela escola quanto a valorização da cultura africana. A exemplo do que acontece no dia da consciência Negra, dia do Folclore, o negro é tratado como exótico, distante e no geral aborda o tema de forma restrita. Nos encontros semanais do PIBID discutimos quase sempre sobre o ensino das Ciências e métodos científicos, mas nunca discutimos as relações étnico-raciais?! Como pensamos educação sem pensar nas diferenças e nas desigualdades?

Retornando ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, na disciplina Linguagens na sala de aula, ministrada pelas docentes Maria Nazaré Mota de Lima e Lícia Maria de Lima Barbosa

realizamos diversos estudos e debates sobre as teorias linguísticas e abordagens inter/transdisciplinares contemporâneas, com foco nos aspectos identitários (raça-gênero-sexualidades) aplicados à educação e cultura. Durante os encontros foi explicitado diversas abordagens entre elas conhecimentos sobre a linguística aplicada e a transculturalidade, o papel das linguagens na educação e o letramento intercultural. Além das problematizações em torno das linguagens, dos aspectos discursivos, éticos e ideológicos. Ainda nesta disciplina realizamos discussões e debates orientados baseados nos textos de Elisa Larkin Nascimento (2003), Lilia Schwarcz (1993), Walter Mignolo (2008), Maria Nazaré Mota de Lima (2015), Lícia Maria de Lima Barbosa (2013). Destaco que dentro desse universo de conhecimentos abordados nesta disciplina, um dos que mais chamou atenção, e que contribuiu para guinar minha postura quanto pessoa e educador foram as comprovações de que as desigualdades sociais estavam e estão associadas as diferenças raciais. Estes argumentos alinhados à condição de cidadão, professor e supervisor do PIBID, levaram ao entendimento e necessidade de atuar com ações por meio da educação que contribuíssem para: o empoderamento das minorias; a desmobilização das desigualdades raciais e a promoção dos direitos iguais. As reflexões e entendimentos expostos favoreceram o despertar de minha consciência negra e assim reconheci a magnitude que a educação representa para a demanda cultural, reconheci a potência que a escola pode ser para as políticas de igualdade racial e despertei para confrontar que na vivência com os bolsistas, integrantes do PIBID, nunca discutimos essas questões até então. Foram cinco anos como supervisor deste programa realizando ações e atitudes que se tornaram estruturantes, ou seja, percebi que na escola muito pouco discutíamos as questões étnico-raciais, na maioria das vezes em momentos isolados (datas comemorativas) e de forma desconexa. Em especial, reconheci que o professor (futuro professor, bolsista do PIBID) necessita de formação orientada para lidar com as tensões produzidas ao tratar das questões étnico raciais, fato que também fez-me refletir sobre a própria formação continuada do professor e professor supervisor, pois nesse momento diagnosticava esta ausência (da educação para as relações étnico raciais) na minha formação.

Assim busquei possibilidades de aprender, reaprender práticas político-pedagógicas favoráveis à promoção da igualdade na escola. Passei a investigar e ampliar os fundamentos teóricos para as relações étnico-raciais que deverão (deveriam) ser vivenciadas na formação docente.

A escola pública tem como diretriz a inclusão social, que ampare os menos privilegiados, que minimize as diferenças, contudo o ensino de fenômenos, fatos e suas interpretações desvinculadas de seus aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais não permite que a proposta educacional do ensino de Ciências seja atingida. O ensino de Ciências é parte essencial da educação e deve ser posicionado no eixo criativo da escola. As desigualdades sociais estão atreladas as diferenças raciais. A escola como instituição difusora de conhecimento é o espaço favorável a discutir essas questões

fundamentais. É nela que necessitamos explicitar de modo a contribuir para minimizar as discriminações que nela se apresentam e se propagam. Na escola, compreender a ausência das discussões sobre as questões étnico-raciais passou a me interessar, inquietar e aborrecer em alguns aspectos. Percebia que esses sentimentos e provocações advindos com esses novos conhecimentos não adormeceria e uma postura ativa tornou-se imperativa. Sendo que realizei minha primeira abordagem docente, de uma forma ainda experimental no segundo semestre de 2017. O público principal dessa investigação foram duas turmas do curso de logística, onde 45 alunos participaram do estudo. De forma que em Novembro de 2017, com as discussões e propostas pedagógicas da unidade escolar relativas ao dia da Consciência Negra realizei nestas duas turmas discussões sobre: a presença do racismo no Brasil e na escola; do vínculo entre as diferenças raciais e as desigualdades sociais; cotas raciais e quais são os programas e políticas públicas direcionadas ao ingresso de jovens negros nas universidades.

Com o desvelar que em minha formação e atuação docente estavam ausentes recursos para construir, orientar e abordar a educação nas relações etnicorraciais; do desconhecimento do racismo institucional; da inconsistência sobre minha identidade racial. Estabeleci que deveria aprofundar os estudos e o ingresso no Programa da Pós-graduação em Crítica Cultural poderia contribuir para responder ao questionamento: Atualmente existe no programa de formação de professores do IF Baiano e no PIBID tal preocupação quanto a essas questões? E se existem, são suficientes e necessárias? Sendo esta a pergunta que orientou o objetivo inicial da pesquisa².

Na universidade, na condição de estudante regular da Pós em Crítica Cultural, durante o primeiro ano, em 2018, me envolvi em discussões, debates e realizei apresentações de trabalhos que produzi em eventos regionais, estaduais, nacionais e internacionais sob orientação da minha orientadora. Na UNEB, campus Alagoinhas, participei como ouvinte do I Fórum da Juventude Preta Baiana, durante o Seminário Interlinhas apresentei o meu projeto de pesquisa, no XXII Encontro Baiano de Estudantes de Letras - EBEL (2018) apresentei o trabalho “Antitéticas e Tensões Da “Cultura” Desdobramentos Linguísticos contra o Culturalismo Racista”, e no II Simpósio de Letramento, Identidade e Formação de Educadores - SLIFE apresentei o trabalho “Relato de experiência nas relações etnicorraciais: Letramento crítico na (auto)formação de professore(s) e o papel da “Pós” em crítica cultural”. Na cidade de Salvador, durante o XIV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT apresentei o texto “Culturalismo racista e as desigualdades sociais” realizado pela UFBA e no V Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos – ALFAeEJA, organizado pela UNEB apresentei o trabalho “As práticas de leituras literárias e

² Em concordância com minha orientadora, estabelecemos inicialmente que a pesquisa teria como objetivos: investigar a existência de processos educativos que amparem as relações étnicos raciais vinculadas ao programa PIBID; visibilizar que as desigualdades sociais estão atreladas as diferenças raciais.

a emancipação do sujeito da educação de jovens e adultos”. Na cidade de Fortaleza durante o V Congresso Nacional de Educação – CONEDU apresentei o texto intitulado: “Dialética Marxista e obstáculos epistemológicos aplicados a um estudo sobre as cotas raciais no ensino médio”.

No segundo ano, para realização do tirocínio docente analisei a ementa da disciplina Práticas Pedagógicas IV, no Instituto Federal Baiano, campus Catu e percebi que no âmbito da formação docente, o foco principal desta disciplina estava direcionado a estabelecer como se dão os processos de inclusão na educação e como é tratada a diversidade na sala de aula. Assim idealizei no tirocínio docente aprofundar a temática, ampliar as referências teóricas, bem como enriquecer os estudos a partir da troca de experiências entre o docente regente e os graduandos do curso. Neste contexto percebi que poderia focar conceitos constitutivos da subjetividade de professores e alunos na relação pedagógica que dialogavam com minha discussão tais como: raça, etnia, classe, identidade/ancestralidade, resistência negra. A professora regente, Dra. Alexandra Souza de Carvalho, conduziu as discussões de forma transdisciplinar, interseccional e enriqueceu o trabalho no sentido do desenvolvimento crítico e filosófico. Este viés me possibilitou desenvolver nas aulas que ministrei, discussões voltadas a desconstrução do modelo hegemônico e dos aspectos identitários - raça-gênero estabelecidos nas Ciências e na formação docente o que se alinhou perfeitamente a minha pesquisa, a exemplo do trabalho “Ensino de ciências e os conhecimentos científicos eurocentrados” que apresentei no V Seminário de Licenciatura em Química: sob a perspectiva da Educação Inclusiva. Esse evento marcou a finalização da disciplina e conclusão do meu tirocínio.

É preciso mencionar os desafios que esperava encontrar e os que se estabeleceram durante a pesquisa. Ter participado do PIBID e reconhecido empiricamente que durante o período mencionado, de 2012 a 2018, inexistiu discussões que tratassem sobre a educação das relações étnico-raciais poderia interferir no processo de coleta e análise dos dados, no sentido de vislumbrar o mesmo cenário durante o estudo, sendo esse um desafio esperado. Outro aspecto que deve ser destacado foi meu envolvimento no tirocínio docente, na disciplina Práticas pedagógicas IV, com os licenciandos. Uma parte destes estudantes foi convidada a participar da coleta de dados, isto é, das entrevistas neste trabalho. Em ambos os casos já possuía a orientação que as pesquisas qualitativas não estão isentas de subjetividade, contudo requerem no processo de construção o devido rigor metodológico e confiabilidade, estas características metodológicas foram a todo o momento explicitadas e exigidas pela minha orientadora que solicitou-me buscar participantes de disciplinas diversas, assim como deveria buscar a diversidade dos entrevistados contemplando os marcadores raça-gênero.

Meu envolvimento com os entrevistados ainda precisa ser explicitado, digo meu lugar de fala com o objetivo dessa pesquisa. Sou professor do ensino de ciências (contudo licenciado em

Matemática), ex-participante do PIBID (como supervisor), ativista da educação antirracista (por compreender que os negros não possuem as mesmas oportunidades) e a pesquisa possui relação com a formação docente no ensino de ciências e as histórias de exclusão do povo negro. Assim não restam dúvidas que as análises das entrevistas e documentos (instrumentos de coleta) estão eivadas por esse meu lugar de fala. Tendo consciência de que meu lugar como pesquisador é diferente do meu lugar de fala acredito que a primeira ajuda a construir, reconstruir meu lugar de fala de professor, isto é, a experiência como pesquisador contribuiu para visualizar que minha experiência docente pode tomar caminho distinto do caminho da pesquisa.

A metodologia da pesquisa é de base qualitativa, com inspiração na etnografia, e possui três etapas: a primeira consistiu no mapeamento das produções bibliográficas. A segunda etapa foi a obtenção dos dados empíricos por meio de entrevistas semiestruturada, os quais são discutidos nos dois primeiros capítulos da dissertação. A terceira etapa será a análise documental do projeto político pedagógico (PPP) e curriculum desta licenciatura, além da análise documental do subprojeto e regimento interno do PIBID.

A conclusão da primeira etapa possibilitou o uso de diversas concepções teóricas. Para dialogar sobre formação docente e a educação antirracista escolhi Lima (2015), Cavalleiro (2001) e Silva (2007). Apoiei-me em Schwarcz (1993), Nascimento (2003), Munanga (1996) para discutir sobre concepções científicas e raciais como paradigmas racistas se lastrearam nas ciências. E autores pós-coloniais tais como Mignolo (2008) e Quijano (2005) que contribuem para desestruturar a hierarquia dominante, que questionam as relações de poder existentes e fortaleçam a formação de indivíduos politizados os questionamentos para a transformação social. Para discutir sobre as manifestações racistas na sociedade me apoiei em Moore (2007) e Schwarcz (1993).

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como se dão os processos educativos vivenciados e se estes contribuem para a educação dos futuros professores que estão cursando a licenciatura em Química no Instituto Federal Baiano, campus Catu, no ano de 2019. Os objetivos específicos são: Analisar o papel do ensino de ciências, e a concepção de raça que está firmada nas ciências; Discutir a compreensão dos professores sobre as relações étnico-raciais; Refletir sobre a atuação docente no ensino de Ciências no que toca as relações étnico-raciais.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: Na introdução apresento o objeto de pesquisa, a metodologia utilizada, os desafios esperados e contextualizo as motivações acadêmicas, profissionais e pessoais que levaram a investigar sobre o tema. Ainda relato experiências realizadas no campo da educação das relações étnico-raciais e as implicações do meu lugar de fala com o objeto de investigação.

No estado da arte apresento como realizei o levantamento do que foi produzido quantitativamente na temática das relações étnico raciais envolvendo o ensino de ciências e a formação de professores no ambiente do PIBID. Apresento o marco das discussões nessa temática e evidencio como essa discussão acadêmica é recente e escassa.

No capítulo *Raça, racismo e antirracismo no ensino de Ciências e na formação docente* apresento a análise e discussão sobre a compreensão dos discentes a respeito: dos conhecimentos científicos; do papel do ensino de ciências; das relações existentes entre a educação das relações étnico raciais e a formação docente; sobre os conceitos de raça e racismo.

No segundo capítulo *As relações étnico-raciais e o Ensino de Ciências no IF Baiano de Catu* apresento quem são os estudantes do IF Baiano de Catu, a análise e discussão sobre a compreensão destes a respeito da existência da educação das relações étnico raciais na sua formação docente e a análise documental que rege o curso de Licenciatura em Química desta instituição.

No último capítulo *Atuação docente, o ensino de Ciências e as relações étnico-raciais no PIBID*, apresento quem são os bolsistas do programa, a análise e discussão sobre a compreensão destes a respeito da existência da educação das relações étnico-raciais no programa e a análise documental que rege o PIBID no IF Baiano de Catu.

Nas considerações finais traçarei uma síntese dos resultados obtidos na pesquisa. Relacionarei a formação docente direcionada ao ensino de ciências do curso de licenciatura em Química e do PIBID ambos no IF Baiano do campus de Catu, com indagações compreendidas nos estudos das relações étnico raciais.

CONSIDERAÇÕES E RESULTADOS PARCIAIS

A investigação sobre a origem do conceito de raça, estipulado pelas teorias raciais como conceito biológico, no século XIX, nos permite compreender a dimensão da manipulação que criou a ideia da democracia racial. Contrapõe-se a isso a presença forte do racismo na sociedade, fato associado as desigualdades sociais. Para a atuação adequada das relações étnicas raciais tornam-se essenciais a investigação e difusão das teorias raciais vivenciadas, que a partir do modelo Europeu, influenciaram o pensamento racial brasileiro e foram adaptadas pelos nacionais homens da ciência sob o engodo da civilização (teoria da modernização) para a necessidade das elites em se manterem no poder.

Nessa perspectiva descortinam-se reflexões necessárias sobre as relações raciais que permitam aos excluídos da sociedade, assumirem posturas favoráveis (a exemplo das ações afirmativas) em confronto com as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica impôs

em consonância com possibilidades de engajamento para desconstruir o mito da democracia racial. A exemplo da resposta de Orquídea sobre a existência da democracia racial:

Não acho que há democracia racial ainda... Não é isso que você tá me perguntando? Acho que o que há é uma... tentativa, que eu acho muito válida, também uma luta né? Isso ainda está muito distante do ideal, eu mesmo vou percebendo que a cada dia que passa eu vou tomando cuidado com o que eu falo, por que a minha realidade é diferente da realidade de outras pessoas... Não que eu tive problema racial de fato. Então a gente tem que ter muito cuidado com que a gente fala porque é uma área que envolve muitas coisas né? Então a gente não tem ainda uma democracia racial. (ORQUÍDEA 01, agosto 2019)

Nas relações interpessoais o racismo prejudica a autoconfiança e autoestima de negros, impede construções de respeito, de reconhecimento, de solidariedade entre as pessoas. Assim são os princípios elencados pela Resolução CNE/CP 1/2004, que objetivam nas relações étnicas a promoção de aprendizagens para o exercício da cidadania ativa. E nesse contexto, homens e mulheres protagonizam o exercício da igualdade e direitos, que entendam as posições sociais hierárquicas forjadas, que conheçam e assumam as diferentes identidades (nacional, étnico-racial, pessoal). Nesse sentido Tulipa descreve sua perspectiva:

Não acredito porquê ainda é algo que está impregnado na sociedade, muita gente fala que a escola deve combater o racismo mas eu digo por experiência própria mesmo que muitas vezes a criança já vem com essa carga mesmo de casa, eu digo pelo meu avô que e... minha avó era Branca e eu não sei se meu avô...se ele era negro, eu não conheci mas ele deixou de falar com o meu tio no dia em meu tio se que casou com uma mulher negra. Então não minha família querendo ou não apesar de ser de pessoas negras, mas ele não aceitava uma pessoa negra. Provavelmente a mulher de meu tio tinha uma cor com mais melanina...uma característica mais epidérmica. E até hoje na minha família tem isso, tem esse preconceito, então na minha opinião não existe democracia racial. Agente percebe nos espaços, percebe olhares diferenciados, na mesma posição por ser branca você percebe o olhar diferenciado. Eu presenciei uma situação dessa no trabalho, uma negra e outra branca na mesma posição e os olhares diferenciados... um olhar de desprezo. (TULIPA, agosto 2019)

A melhoria na qualidade do ensino de Ciências aponta para muitas direções, entre elas a formação continuada dos professores e a articulação das universidades com o ensino básico. Destas considerações emergem a árdua missão de transformar o ensino informativo em criativo, e uma condição para tal está na qualidade na formação de professores. Assim ganha ênfase nesse contexto o papel das universidades, que despertem nos líderes educacionais (professores) a capacidade de desenvolver responsabilidades sociais e políticas em prol da superação do colonialismo cultural que ainda hoje caracteriza os sistemas de ensino.

Nesse contexto ganha relevância analisar a compreensão destes docentes do ensino de Ciências sobre as relações étnicos raciais. Os resultados iniciais, da pesquisa em andamento, digo seus conhecimentos e posturas expostos nas entrevistas: aponta que o ensino de ciências na perspectiva das relações étnico raciais pode contribuir para o combate ao racismo e para a

reeducação de relações étnicas positivas; possibilita aos docentes em formação identificar e confrontar os diversos tipos de interesses escamoteados em nome Ensino de Ciências; perceber que o conhecimento científico não é politicamente neutro, visibilizando conhecimentos que possibilita uma postura na educação antirracista.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. *Pensamento crítico desde a subalteridade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI*. Alagoinhas, Ba, 2012. Revista Pontos de Interrogação, Linguagens, identidades e letramentos - Vol. 2, n. 2, jul./dez. 2012

BRASIL. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Lei Nº 9.394, de 20 dezembro de 1996. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm, Acesso em: 02 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: dez. 2016.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

IBGE. *Mapa do mercado de trabalho no Brasil*. disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/9483-mercado-de-trabalho.html?&t=downloads>

LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Relações étnico-raciais na escola: O papel das linguagens*. 1. ed. Salvador: EDUNEB, 2015. 134 p. v. 1.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para entender o Racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, K. “*As facetas de um racismo silencioso*”. In Raça e diversidade. Orgs. Lilia M. Schwarcz e Renato S. Queirós. São Paulo, EDUSP, 1996.

_____. *A educação colabora para a perpetuação do racismo*. Revista Carta Capital, 2012. disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-educacao-colabora-para-a-perpetuacao-do-racismo>

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Sortilégio Da Cor - Identidade, Raça E Gênero No Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2003.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina*. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997

_____. *Don Quijote y los molinos de viento en América Latina*. Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos, Buenos Aires, v. 4, n. 14, enero/marzo 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo Das Raças: Cientistas, Instituições E Questão Racial No Brasil*. (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Irene Sales. *Os educadores e as relações interétnicas: pais e mestres*. Franca: Editora UNESP, v. 1, 2001.

SILVA, Douglas Verrangia Corrêa da. *A educação das relações étnico-raciais no ensino de ciências: Diálogos possíveis entre brasil e estados unidos*. Tese (Doutorado apresentada à Universidade Federa de São Carlos), 2009.

SILVA, Petronilha B. G. *Aprender, Ensinar e Relações Étnico-Racias* NO, 2007. p. 489-506. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2745/2092>

Acesso em 30 abril de 2018.

VERRANGIA, Douglas. *A formação de professores de ciências e biologia e os conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira*. Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación, 6 (12) Edición especial Enseñanza de las ciencias y diversidad cultural, 105-11, 2013.